



IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO ENTRE O ENGENHEIRO AGRÔNOMO E O TRABALHADOR RURAL, NA UTILIZAÇÃO DOS AGROTÓXICOS

Beatriz Foiato Guzzo¹, Ieda Márcia Donati Linck²

Resumo: Este texto tem por objetivo discutir sobre a importância da formação do engenheiro agrônomo, a partir da possibilidade de interação que estabelece com o produtor, cujo tema está delimitado nos impactos que os agrotóxicos causam à saúde dos trabalhadores agrícolas. O presente trabalho tem por base um levantamento teórico, no Projeto de Leitura e Escrita no Curso de Agronomia na Universidade de Cruz Alta. Após o recorte temático “Agrotóxicos e a formação agrônoma reflexiva”, foi realizado a busca de artigos científicos específicos que sustentassem nosso ponto de vista. Os agrotóxicos vêm sendo usados desde o movimento chamado “Revolução Verde”, em 1950. As leituras feitas a respeito mostram que, de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), há um índice de três milhões de trabalhadores que são infectados, anualmente, por meio do contato com defensivos. A maior incidência de morte no Brasil se dá pela intoxicação por agrotóxicos, perdendo apenas para medicamentos (ANVISA, 2009). Esta consequência pode se dar tanto por fatores socioeconômicos, quanto pela própria escolha dos envolvidos ao optar pelo não uso dos EPIs, apesar de terem sido informados pelo engenheiro agrônomo responsável, sobre os riscos que correm por essa atitude. Ao tratar disso, questões como a necessidade de interação, ética e cumplicidade entre técnico e produtor são de extrema importância. Nota-se que, além da falta do uso de proteção, muitas vezes, a produção esperada não é alcançada, bem como efeitos indesejados ocorrem porque os produtores praticam ações precipitadas e inconsequentes, as quais não foram recomendadas pelos técnicos responsáveis. Juntamente a esse fato, vale lembrar os relatos prejudiciais para o meio ambiente, por exemplo, a contaminação da biota, água e solo, que pode não ter volta (RIBAS, 2009). Além disso, é muito comum a ocorrência de procedimentos inadequados para o plantio: a colheita antes da data prevista e a utilização de produtos que não foram receitados (RODRIGUES, 2006). É válido dizer que o uso abusivo dos agrotóxicos não tem tido uma abordagem muito frequente na mídia, parecendo, para o referido meio, até irrelevante. Dessa forma, pode-se ver o quão o assunto está na ordem do “já posto”, naturalizado, sem repercussão alguma, e, por fim, aparentemente aceito à sociedade. Em algumas situações esporádicas, a mídia foca apenas na opinião de quem seja contra, ou, a favor. Entretanto, se este é um tema que está em situações corriqueiras incontáveis, precisa ser analisado com mais atenção nos espaços previstos, dentre os quais a universidade. A relevância deste trabalho está, então, em provocar uma reflexão sobre o uso desenfreado desses defensivos e propor uma discussão a respeito do perfil de profissional que se quer e tem sido formado. Não estamos querendo abolir o uso dos agrotóxicos, pois eles parecem indispensáveis na relação custo-benefício no agronegócio. No entanto, é preciso, sim, que o assunto seja tratado de forma séria, profunda e mais abrangente para que os envolvidos fiquem informados de forma crítica quanto a presente problemática. Tudo isso renova a certeza de que a ética deve ser a base na nossa formação acadêmica, a fim de que a vida do planeta seja respeitada.

Palavras-chave: Formação Reflexiva. Agrotóxico. Prevenção. Consciência.

¹ Discente do curso de Agronomia, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: beatrizffguzzo@gmail.com

² Professora da Unicruz. Doutora em Linguística UFSM/UA Portugal. Mestre em Educação Uninorte. Mestre em Linguística na UPF. Pesquisadora do Gel e NEEPS- Unicruz. Coordenadora Proenem. imdlinck@gmail.com